SUMÁRIO EXECUTIVO

OJÚ OMO

Olhar da Juventude

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Sumário executivo OJÚ OMO-Olhar da juventude / UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas. -- Brasília : UNFPA-Fundo de População das Nações Unidas, 2015.

Realização: Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)
Bibliografia.
ISBN 978-85-98579-17-7

1. Jovens - Conduta de vida 2. Jovens - Saúde 3. Projeto OJÚ OMO-Olhar da Juventude I. UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas.

15-04663 CDD-613

Índices para catálogo sistemático:

1. Projeto OJÚ OMO-Olhar da Juventude : Doenças : Prevenção : Promoção da saúde 613

SUMÁRIO EXECUTIVO

OJÚ OMO

Olhar da Juventude

EXPEDIENTE

Realização
Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)

Parceiros
Centro Suburbano de Educação Profissional (CESEP)
Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe (Rede Cammpi)
Comunidade Quilombola de Rio dos Macacos
Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE)
Fórum de Entidades do Subúrbio (FES)
Grupo de Jovens de Ilha de Maré e Movimento de Pescadores e Pescadoras de Ilha de Maré (MPP)
Movimento de Cultura Popular do Subúrbio (MCPS)
Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe (Reprotai)
Sofia Centro de Estudos

Redação
Rachel Quintiliano

Revisão de conteúdo e abordagem
Fernanda Lopes, Ruth Pucheta, Deise Queiroz, Anna Lúcia Cunha

Revisão
Ana Flávia Magalhães Pinto

Supervisão editorial
Ruth Pucheta, Fernanda Lopes, Anna Lúcia Cunha

Apoio editorial
Midiã Santana, Gabriela Borelli

Projeto gráfico e diagramação
Duo Design
Fotos
Bancos de Imagens do UNFPA Brasil, das Redes envolvidas e de Rachel Quintiliano

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO 7

1 ANTECEDENTES 9

2 OJÚ OMO – OLHAR DA JUVENTUDE 19

3 GLOSSÁRIO 43

APRESENTAÇÃO

Em 2013, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) começou a estruturar um novo projeto com jovens, a partir da experiência adquirida com o projeto "Promovendo Direitos de Jovens: Cultura e Saúde Sexual e Reprodutiva em Salvador".

Em sua nova edição, o projeto, agora intitulado "OJÚ OMO: Olhar da Juventude", foi delineado para reforçar a participação e a inclusão da juventude, ampliando o acesso a informações e aprimorando seus argumentos para atuar em defesa dos direitos humanos e, em especial, dos direitos sexuais e reprodutivos com enfoque de gênero e raça.

Para quem já executava ação similar na mesma cidade, a proposta poderia parecer simples. Mas não foi. A região escolhida para a nova experiência era um ambiente pouco conhecido pelo UNFPA. Para se inteirar daquela nova realidade, o Fundo realizou um diagnóstico de situação com base em dados secundários, utilizou metodologias qualitativas para saber mais sobre as necessidades e expectativas das/os jovens que participariam das atividades formativas e, sobretudo, contou com a parceria da Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE), que há anos atuava nos territórios, e de outras seis redes e instituições locais presentes no Subúrbio Ferroviário, na Península de Itapagipe, na Ilha de Maré e no Quilombo Rio dos Macacos.

Essa articulação exigiu um grande esforço e coordenação no sentido de contemplar os desejos e expectativas de cada parceiro envolvido e também as necessidades e anseios das/os jovens.

Com encontros a cada quinze dias, a iniciativa foi ganhando corpo, crescendo e se consolidando. As relações foram se fortalecendo e desafios foram sendo superados. Essa história de sucesso poderá ser conhecida nas próximas páginas.

A primeira seção, "Antecedentes", resgata toda a ação que foi desenvolvida pelo UNFPA em Salvador, incluindo a experiência com o projeto "Promovendo" e o histórico de relação entre o UNFPA, a Prefeitura Municipal de Salvador e o Governo do Estado da Bahia. Além disso, contextualiza a ação no escopo dos objetivos do UNFPA para com a juventude no mundo.

Na segunda seção, "OJÚ OMO – Olhar da Juventude", é possível conhecer como se deu a estruturação da parceria com a CESE, a análise de situação do território, a realização de grupos focais, a definição dos resultados a serem alcançados com o projeto e relatos sobre as oficinas, as boas práticas e lições aprendidas.

Boa leitura.

1

JUVENTUDE É CHAVE PARA O DESENVOLVIMENTO GLOBAL

Garantia e promoção dos direitos de jovens estão entre os principais resultados a serem alcançados até 2015

ANTECEDENTES

O UNFPA e o Brasil estabelecem relação de cooperação desde a década de 1970. Hoje, essa parceria dialoga diretamente com o objetivo global do UNFPA, que é alcançar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva, promover os direitos reprodutivos, reduzir a mortalidade materna e acelerar o processo da agenda de população e desenvolvimento no mundo.

Nessa agenda de compromissos, a promoção dos direitos da juventude está entre as principais prioridades, tanto que, entre os resultados a serem alcançados nos próximos anos, no âmbito dessa cooperação, estão a incorporação e a compreensão das dinâmicas populacionais e suas conexões com as necessidades das/os jovens.

Essa preocupação está alinhada com o fato de o Brasil ainda ser um país desigual no que diz respeito à garantia de direitos e ao acesso a bens e serviços, mesmo com os avanços dos últimos anos, no que tange à redução das desigualdades sociais, especialmente da pobreza.

O bônus demográfico é uma janela de oportunidades única na história e uma chave para o desenvolvimento global

São pouco mais de 200 milhões de habitantes no Brasil, sendo um quarto desse contingente composto de jovens, que também experimentam os resultados das desigualdades, da falta de oportunidades e da violação de direitos. Isso pode levar o país a não aproveitar o bônus demográfico – uma janela de oportunidades única na história e uma chave para o desenvolvimento local, nacional e global.

Essa janela de oportunidades só será aproveitada se existir uma estratégia de harmonização entre as políticas públicas e a situação demográfica, de modo que a garantia e a efetivação dos direitos humanos da população jovem e o investimento no capital humano da juventude possam ser transformados em desenvolvimento inclusivo e sustentável. O sucesso desse investimento será proporcional ao apoio que for dado para as pessoas jovens ampliarem seu repertório de direitos e oportunidades, bem como ao nível de participação que venham a ter nas decisões que vão afetar suas vidas e o futuro comum.

A estratégia de cooperação que vem sendo executada com o governo brasileiro dialoga, portanto, com a estratégia global do UNFPA para a população jovem, porque está ancorada na promoção de ações que garantam uma passagem segura e exitosa da adolescência para a vida adulta, a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades necessárias para uma vida saudável, produtiva e realizada, da qual elas e eles sejam participantes plenas/os e ativas/os.

Resultados esperados da cooperação UNFPA – Brasil (2012-2015).

(1) Incorporação das dinâmicas populacionais e suas interligações com as necessidades das/os jovens (incluindo adolescentes), saúde sexual e reprodutiva (incluindo o planejamento familiar), igualdade de gênero e redução da pobreza nos planos e estratégias de desenvolvimento nacionais e setoriais; e (2) maior acesso e utilização de serviços de saúde materna e neonatal de qualidade.

Bônus demográfico.

Caracteriza-se pelo fato de o país ter, em determinado período, uma população em idade ativa mais numerosa, ou seja, uma população potencialmente apta para exercer atividade econômica (trabalho).

NORTE E NORDESTE APRESENTAM OS PIORES INDICADORES SOCIAIS

Violência é ameaça para juventude brasileira

As regiões Norte e Nordeste do país apresentam os piores indicadores sociais, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)1. É também nessas regiões que a presença da população jovem e negra é maior. Logo, o racismo, o sexismo e diversas outras formas de discriminação impactam diretamente no acesso aos bens e serviços, incluindo os de saúde, educação, habitação, lazer, cultura, transporte público, justiça, por parte significativa dessa população.

Os dados revelam que aqueles e aquelas que vivem nas regiões Norte e Nordeste do país experimentam os piores resultados relacionados aos indicadores sociais mínimos, que foram construídos para acompanhar estatisticamente os programas recomendados pelas Conferências Mundiais de População e Desenvolvimento (Cairo, 1994), Desenvolvimento Social (Copenhagen, 1995), Mulheres (Beijing, 1995) e sobre Assentamentos Humanos (Cairo, 1996).

Segundo a pesquisa de Indicadores Sociais Mínimos, produzida pelo IBGE, a esperança de vida ao nascer no Brasil é de 74,8 anos. Para a região Sul é de 76,9; Sudeste é de 76,6; para a Centro-Oeste, 74,4; para a Norte, 71,5; e para a Nordeste, 72,2. A taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais de idade também é maior para a região Nordeste (16,9%), sendo que para a região Norte é de 9,5; para a Sul 4,6; e a Sudeste, 4,8%; para o Centro-Oeste, 6,5%; e para o país, 8,5%. A mortalidade infantil também é alarmante, porque, para cada mil nascidos vivos no Brasil, a taxa de mortalidade é de 15 e para a região Nordeste é de 19,4.

1 IBGE – Síntese de Indicadores Sociais – Uma análise das condições de vida da População Brasileira – 2014. Disponível em: ftp://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2014/SIS_2014.pdf

Violência é ameaça para juventude brasileira

O homicídio já é um velho conhecido da sociedade brasileira. Segundo os dados da publicação Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil (2014), desde 2002, o país contabiliza números assustadores2. Em 2012, o número chegou a 56 mil homicídios. As regiões Norte e Nordeste apresentam os piores resultados, historicamente. O estado da região Norte com o maior número de homicídios é o Pará (3.261). Na região Nordeste, é a Bahia (5.936); na Sudeste, São Paulo (6.314); na Sul, o Paraná (3.464); e na Centro-Oeste, Goiás (2.057).

Se para o conjunto da população a situação não é boa, para a juventude é pior ainda, porque ela representa 53,4% desses óbitos (30.072 em números absolutos). No estado da Bahia, por exemplo, morreram dessa forma violenta em 2012 mais de 3.000 jovens, sendo que 1.644 estavam na capital, Salvador.

O estudo indica ainda que essas mortes são prioritariamente de jovens com idade entre 20 a 24 anos, do sexo masculino e negros. Em 2012, entre os/as mais de 30 mil jovens vítimas de homicídio no país, 11.744 tinham entre 20 e 24 anos. A grande maioria, 28.057, em todas as faixas de juventude, era do sexo masculino; e 23.160, também do total de faixas, eram negros/as.

O Mapa da Violência 2015 - Mortes Matadas por Armas de Fogo (2015)3 mostra também que na região Nordeste concentram-se as maiores taxas de homicídios por armas de fogo, tanto de jovens quanto de não jovens, sendo a região com maior índice de vitimização juvenil por armas de fogo do país, ou seja, a região que mais vitima jovens via homicídio por armas de fogo. No país, em 2012, morreram 9.100 jovens por armas de fogo (índice de 358%); no Nordeste, 10.510 (312,9%) e na Bahia 3.262 (342,2%).

Os dados de 2012 também mostram que a Bahia teve uma desaceleração do encarceramento, mas um aumento nos homicídios, como coloca a recente publicação Mapa do Encarceramento 2015 – Os jovens do Brasil. É o segundo estado que apresenta a maior taxa de crescimento de homicídios na população negra, e que apresenta a menor taxa de encarceramento de jovens: foram 6.125, representando uma variação de 28% com relação ao ano de 2007, sendo a taxa 194 e a 27° posição no ranking brasileiro.4

2 BRASIL. Juventude Viva: os jovens do Brasil. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf. Acessado em: 20/11/2014.

3 BRASIL. Juventude Viva. Mortes Matadas por Arma de Fogo. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2014. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf .

4 BRASIL. Juventude Viva. Mapa do Encarceramento – Os jovens do Brasil. Brasília: Secretaria Geral da Presidência da República, Secretaria Nacional de Juventude e Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, 2015. Disponível em: http://juventude.gov.br/articles/participatorio/0009/3230/mapa-encarceramento-jovens.pdf

RELAÇÃO DE COOPERAÇÃO COM SALVADOR COMEÇOU EM 2007

Saúde reprodutiva e desenvolvimento sustentável são essenciais para o combate à fome e a erradicação da pobreza

Desde 2007, o UNFPA e a Prefeitura Municipal de Salvador trabalham cooperativamente para o alcance das metas estabelecidas nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, especialmente daquelas relacionadas à erradicação da pobreza extrema e da fome.

A estratégia de cooperação, firmada em 2008, considerou que não seria possível obter resultados significativos se as questões de população, saúde reprodutiva e desenvolvimento sustentável não fossem trabalhadas com investimento em educação e saúde, com vistas à prevenção de mortes evitáveis de mulheres, jovens e adultas, além do reconhecimento e da efetivação de seus direitos.

Assinatura da renovação do Termo de Cooperação Técnica entre UNFPA e Prefeitura Municipal de Salvador (2011)

As ações começaram por envolver diversas instâncias do Poder Executivo municipal e, em 2011, um Grupo de Trabalho Intersetorial foi criado por força do Decreto n. 22.193, reunindo as Secretarias Municipais de Saúde (SMS), de Reparação (SEMUR), de Educação (SMED), a Superintendência de Políticas para as Mulheres (SPM) e o Gabinete do Prefeito.

Desde então, a cooperação trabalha na produção de pesquisas, materiais educativos e informativos, na realização de seminários, oficinas e campanhas focadas na promoção dos direitos sexuais e reprodutivos, na redução das mortes maternas, na promoção dos direitos e na construção de habilidades para a vida entre jovens e na ampliação de sua participação no monitoramento das políticas públicas.

Parceira com Governo do Estado da Bahia.

A Parceria entre o UNFPA e o Governo do Estado da Bahia começou em 2008, mas o escopo foi ampliado em 2010, por meio de acordos intersetoriais. Um Protocolo de Cooperação Técnica foi assinado, envolvendo diversas secretarias, para a promoção do desenvolvimento sustentável e equitativo da sociedade baiana, com a ampliação e o fortalecimento de ações, programas e políticas integradas e intersetoriais para a redução da pobreza e das desigualdades; o reconhecimento, a proteção, a promoção e a efetivação dos direitos humanos, incluindo os direitos sexuais e reprodutivos e o direito à saúde sexual e reprodutiva; a promoção da igualdade de oportunidades para as mulheres e meninas; o fortalecimento e a consolidação das políticas públicas para a juventude; a produção e o uso de dados sociodemográficos para a tomada de decisões e a redução das iniquidades.

Renovação do acordo de cooperação com o Governo do Estado da Bahia no âmbito da parceria iniciada em 2008 (2013)

INICIATIVA PILOTO CONSOLIDA-SE E INTEGRA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SALVADOR

Projeto que começou em Sussuarana alcança Subúrbio Ferroviário, Península de Itapagipe, Ilha de Maré e Quilombo Rio dos Macacos quatro anos depois

Oficina de Relações de Gênero do "Promovendo" em Sussuarana (2010)

Em novembro de 2009, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) deu início a uma experiência piloto, o projeto "Promovendo Direitos de Jovens: Cultura e Saúde Sexual e Reprodutiva em Salvador", no bairro de Sussuarana. O objetivo foi difundir os direitos das/os jovens, ampliar suas habilidades para a vida e proporcionar melhores oportunidades para desenvolverem seu pleno potencial. Três anos depois, a experiência foi expandida, passou a integrar a política de educação do município e a compor o conjunto de projetos inovadores da Educação Básica.

A experiência demonstrativa foi desenvolvida em parceria com organizações da sociedade civil, universidades e com o apoio da Embaixada dos Países Baixos. Inspirada no programa federal "Saúde e Prevenção nas Escolas" (SPE), envolveu jovens com idade entre 15 e 24 anos, de ambos os sexos, que moravam na região de Sussuarana5, em atividades conduzidas, prioritariamente, por profissionais também jovens, sobre direitos humanos, direito à informação e à comunicação, relações de gênero e prevenção da violência contra

5 Situado próximo ao Centro Administrativo da Bahia, o bairro de Sussuarana concentra na sua composição populacional com cerca de 110 mil habitantes o perfil de pessoas com baixo poder aquisitivo, que habitam num bairro periférico com insuficiência nos serviços públicos. A Grande Sussuarana é uma área formada pelos bairros de Nova Sussuarana, Novo Horizonte e Sussuarana. Fonte: Wikimapia.

as mulheres, sexualidade, saúde reprodutiva e relações raciais e enfrentamento ao racismo, prevenção de DST/Aids além de módulos de educomunicação.

Com o passar do tempo, o projeto foi sendo aprimorado para atender aos anseios dos/as jovens e da comunidade local. Dois anos depois, em 2011, já estava estabelecida uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de Salvador, com as Comunidades de Atendimento Socioeducativo (CASES), com a Fundação de Apoio à Criança e ao Adolescente (FUNDAC) e com as escolas municipais Professor Carlos Formigli e Yves de Roussan, que funcionavam dentro das CASES.

A partir de 2012, o projeto tornou-se parte da política de educação de jovens e adultos da Secretaria Municipal de Educação. Com isso, atividades passaram a ser realizadas em outras unidades escolares da região do Cabula, nas CASES, incluindo também jovens atendidos/as pela Fundação Cidade Mãe (jovens em cumprimento de medidas socioeducativas em meio aberto) e pelo Projeto Sinaleiras, uma parceria com o Ministério Público, voltada para jovens em situação de vulnerabilidade social que estão no mercado informal de trabalho nas ruas da cidade de Salvador, apresentam risco agravado de cometer pequenos delitos, e que passam a receber formação profissional e vocacional.

Foi também nesse momento que o projeto estabeleceu a parceria com a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) para a implementação de um "novo" projeto para reforçar o protagonismo juvenil em comunidades populares de Salvador, especialmente naquelas localizadas no Subúrbio Ferroviário, na Península de Itapagipe, na Ilha de Maré e no Quilombo Rio dos Macacos: "OJÚ OMO – Olhar da Juventude".

Registros de reuniões da Secretaria de Educação do Município com facilitadores (as) e atividades desenvolvidas com jovens e educadores (as) nos anos de 2011 e 2012.

2

SUBÚRBIO FERROVIÁRIO, PENÍNSULA DE ITAPAGIPE E ILHA DE MARÉ ACOLHEM O NOVO PROJETO

UNFPA e CESE
estabelecem parceria

OJÚ OMO

No final de 2012, o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) e a Coordenadoria Ecumênica de Serviços (CESE) começaram a estabelecer conversas e preparar as bases do projeto a ser lançado no início de 2013, com o objetivo de fortalecer o protagonismo juvenil em comunidades populares de Salvador, em especial das áreas do Subúrbio Ferroviário, da Península de Itapagipe, da Ilha de Maré e do Quilombo Rio dos Macacos.

É importante destacar que o diálogo entre as duas instituições começou em 2011, quando a equipe de formadores do projeto "Promovendo" participou de um intercâmbio com jovens do projeto "Juventude Cidadã", apoiado pela CESE. Esse intercâmbio trabalhou com as pautas de saúde, direitos reprodutivos, prevenção de DST/Aids e sexualidade para a juventude e foi realizado na cidade de Lauro de Freitas, localizada na região metropolitana de Salvador, na sede da Posse Consciência e Expressão (PCE). O encontro marcou o início da parceria entre o UNFPA e a CESE.

A nova edição agregou a experiência já adquirida com o projeto "Promovendo" e se estruturou a partir da realização de ações educativas sobre direitos humanos, direitos sexuais e reprodutivos, saúde reprodutiva e direitos, direito à informação e à comunicação, prevenção de DST/Aids, entre outros, com enfoque em gênero e raça.

Primeira ação em parceria com a Cese, no âmbito do "Promovendo Direitos de Jovens" e do "Juventude Cidadã" (2011).

A parceria que levou à construção do projeto "OJÚ OMO" foi estabelecida a partir de discussões sólidas, nas quais ficou como responsabilidade da CESE atuar na mobilização e na articulação das redes, além de apoiar diretamente na divulgação, no desenho e na implementação do projeto. Ao UNFPA coube coordenar a parte técnica que envolvia formulação, implementação, documentação, divulgação/comunicação, avaliação e disseminação das boas práticas; a contratação e a supervisão de consultorias especializadas.

O território

Para compreender melhor a realidade socioeconômica e demográfica do território de atuação, e assim tomar melhores decisões sobre o desenho e a gestão do projeto, o UNFPA realizou um diagnóstico de situação com base em dados secundários disponíveis para a região do Subúrbio Ferroviário, "Ilhas", o que inclui Ilha de Maré6, e Península de Itapagipe, no qual se verificou que a população desses distritos é prioritariamente negra. No Subúrbio Ferroviário, as/os negras/os são 86,41% da população. Em Ilhas, 88,78%; e em Itapagipe, 83,39%.

Os dados de juventude não são completos ou conclusivos, posto que os de Itapagipe não estão disponíveis. Mas foi possível verificar que, no Subúrbio Ferroviário, 37,94 % da população tem entre 10 e 29 anos. Os/as que têm entre 15 e 29 anos somam 28,9% dessa população. Em Ilhas, a situação é similar, de modo que os/as que têm idade entre 10 e 29 anos representam 37,22% da população e os/as que têm entre 15 e 29 anos são 27,82% das pessoas de Ilhas.

Como exemplo, o estudo mostra ainda que a maior taxa de homicídios está concentrada na população negra, o que representa 80,54% (1.715 óbitos) do total de 1.941 mortes entre os anos 2000 e 2013 no Distrito Sanitário do Subúrbio Ferroviário. Entre essas pessoas, estão os/as jovens de 15 a 29 anos, que somam 1.411 mortes, ou seja, 72,6% do total de homicídios nesse distrito no mesmo período.

As desigualdades persistem e também são verificadas no que diz respeito a aspectos educacionais. Ainda segundo o mesmo levantamento, em 2010, na região denominada "Ilhas", foi observada a maior taxa de analfabetismo para pessoas com 15 anos ou mais (14,53%) quando comparada às demais regiões. Já o Subúrbio Ferroviário apresentava o quinto maior percentual de analfabetismo (5,58%) em relação às outras regiões; e Itapagipe tinha o décimo maior percentual (3,69%).

Além dos dados secundários, o diagnóstico incorporou entrevistas com lideranças comunitárias. Nessas conversas, elas apontaram as principais necessidades e também potencialidades da região.

Entre as principais demandas, estão aquelas relacionadas com a oferta de serviços públicos de educação, saúde, cultura e lazer, trabalho, transporte, prevenção de violência e drogas, contaminação marítima, infraestrutura, delimitação dos territórios quilombolas e programas e projetos direcionados à juventude. Entre as potencialidades, destacaram as belezas naturais, a diversidade gastronômica, o artesanato, os aspectos culturais relacionados à cultura afro-brasileira e o trabalho realizado pelos movimentos sociais, com expressiva participação de jovens.

6 A Ilha de Maré está localizada na Região Administrativa XVIII, que diz respeito à região das ilhas. Portanto, os dados apresentados referem-se a um conjunto da região e não especificamente à Ilha de Maré.

Grupos focais

Grupo focal com jovens lideranças selecionados para participarem do OJÚ OMO - Olhar da Juventude (2013)

Para compreender ainda mais sobre o território, levantar informações, coletar opiniões e também explorar o conhecimento prévio das/os participantes do projeto a respeito dos temas que seriam abordados, foi realizado, em 2013, um trabalho de aprofundamento, a partir da metodologia de grupo focal. Participaram dos grupos focais lideranças comunitárias adultas e jovens.

Por meio de um questionário estruturado, as lideranças adultas foram convidadas a falar sobre sua região de moradia, o acesso e a relação com a cidade, a respeito do que é ser liderança comunitária e sobre os espaços e serviços públicos presentes na comunidade.

Segundo o relatório[7], os aspectos positivos observados pelas lideranças acerca de suas próprias comunidades estavam relacionados especialmente às belezas naturais, ao legado histórico da região, à religião, à cultura e à mobilização social.

> ***"O Parque São Bartolomeu, próximo aqui da região do Subúrbio Ferroviário, é também uma benção que a gente recebeu. O parque é uma reserva de mata atlântica que é única no mundo por passar por área urbana e conseguiu se manter até hoje", disse uma liderança adulta.***

Contudo, os aspectos negativos também são presentes. Conforme o resultado dos grupos focais, esses estão relacionados ao tráfico de drogas, à violência, à poluição e à contaminação marítima e à estigmatização da região, especialmente por parte da mídia.

7 UNFPA. Relatório Grupos Focais: construindo habilidades para a vida entre adolescentes e jovens. 2013.

> *"Uma marca ruim é o tráfico de drogas. É uma marca muito difícil de estar mediando na comunidade. O que a gente faz é trabalhar com arte, cultura, moradia. Da mesma forma que é difícil, acaba quebrando algumas durezas de lá que existem. O tráfico não respeita movimento, não respeita luta, não respeita nada. Ele entra ali e ele quer tomar conta daquele lugar que tem todo um histórico, tem toda uma cultura", afirma uma liderança adulta.*

Nos grupos, as/os jovens foram provocadas/os a falar sobre a expectativa em relação ao projeto, temas e conteúdos, o apoio das redes que participam e também sobre o local de moradia, o seu dia a dia, o significado de ser jovem e as percepções acerca do sistema educacional e participação juvenil.

Nesse contexto, apontaram que a juventude é uma fase marcada pela intensidade, a energia e a motivação, mas, também, por responsabilidades, amadurecimento e tomada de decisões importantes para o resto da vida.

> *"Falar o que é ser jovem é difícil... Acho que ser jovem é você ter liberdade. Quando a gente é jovem, a gente já começa a ter uma responsabilidade. Liberdade vem com responsabilidade. A gente já responde por nós mesmos. Então, ser jovem é você começar a pensar direito, é você começar a tomar decisões na vida", afirmou uma jovem.*

Objetivos do projeto

A partir desse trabalho pregresso de diagnóstico e análise do entendimento dos/as moradores/as sobre suas próprias comunidades (grupo focal), a nova edição do projeto definiu seu objetivo de fortalecer as lideranças juvenis, ampliando seus conhecimentos sobre direitos humanos, direitos da população jovem, direitos sexuais e reprodutivos, com enfoque em gênero e raça e estimulando integração, participação e inclusão da juventude em diferentes espaços sociais e incidência política.

Objetivos específicos:

- Contribuir para a constituição ou o fortalecimento de redes de articulação da juventude, especialmente na área suburbana de Salvador;
- Colaborar para mobilizações e campanhas em defesa e promoção de direitos e para a construção de políticas afirmativas que contribuam para a superação do racismo e de outras práticas socialmente discriminatórias;
- Encorajar práticas ecumênicas e o diálogo inter-religioso;
- Estimular agrupamentos e redes juvenis para que possam intervir de forma qualificada nas políticas públicas para a juventude;
- Contribuir para que jovens tomem decisões livres, responsáveis e seguras no exercício de sua sexualidade e vida reprodutiva e ainda possam atuar em atividades de educação entre pares.

Jovens recebem convite para participar do projeto

Foram convidados/as jovens com idades entre 15 e 29 anos e algumas lideranças jovens-adultas da região, de ambos os sexos, totalizando 35 pessoas. Eles e elas participaram juntos de oficinas sobre direitos humanos e direitos da população jovem; direito à informação e à comunicação; relações de gênero e enfrentamento à violência contra mulher; promoção à saúde e saúde sexual e reprodutiva; sexualidades, direitos sexuais e reprodutivos; prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e Aids; uso de álcool e outras drogas e mediação de conflitos.

> ***OJÚ. Palavra do idioma iorubá que significa "olho". OMO, filho/criança. O idioma é falado principalmente na Nigéria, no Benin, no Togo e em Serra Leoa.***

Com isso, os/as mais novos/as (OMO) puderam se prospectar naqueles/as que têm mais idade e esses/as, por sua vez, puderam compreender melhor os desejos e necessidades dos/as mais jovens e, assim, constituir um olhar (OJÚ) específico e abrangente sobre suas próprias vidas e comunidade.

Todas/os as/os participantes do projeto atuam como lideranças nas comunidades onde residem e exercem atividades importantes para a região, que é reconhecidamente populosa, pobre e ao mesmo tempo um foco de resistência popular e de mobilização cidadã.

Entidades e redes parcerias da CESE e do UNFPA na região.

Comissão de Articulação e Mobilização dos Moradores da Península de Itapagipe (Rede Cammpi); Centro Suburbano de Educação Profissional (CESEP); Fórum de Entidades do Subúrbio (FES) Movimento de Cultura Popular do Subúrbio (MCPS); Movimento de Pescadores e Pescadoras de Ilha de Maré (MPP) / Grupo de Jovens de Ilha de Maré; Rede de Protagonistas em Ação de Itapagipe (Reprotai); Sofia Centro de Estudos; e Comunidade Quilombola de Rio dos Macacos.

Encontro de harmonização envolveu facilitadoras/es antes do contato com jovens

Para que as oficinas fossem efetivas, integradas e contribuíssem para o alcance dos resultados, foi realizado em março de 2014, antes das atividades com os/as jovens, um encontro de harmonização de conceitos e abordagens com formadores/as. Naquele momento, os/as facilitadores/as convidados/as a participar do projeto puderam conhecer as etapas já percorridas, desde a experiência do "Promovendo" até a realização do diagnóstico e dos grupos focais. Com isso, foi possível harmonizar conceitos, perceber as intersecções das temáticas e encontrar caminhos para a inclusão das questões de gênero e raça, em cada um dos módulos, de forma transversal.

Encontro de harmonização envolveu facilitadoras/es antes do contato com jovens

QUADRO DE ATIVIDADES

Atividade	Objetivo	Mês	Local
Intercâmbio e Roda de Conversa sobre Direitos da População Jovem	Promover um momento de reconhecimento e entrosamento entre jovens, assim como renegociar a agenda de trabalho e estabelecer acordos. Disseminar informações entre o grupo sobre Direitos da População Jovem, a partir do ponto de vista das políticas públicas (participação Secretaria Nacional de Juventude) e da Sociedade Civil (Instituto Steve Biko)	Novembro 2013	Ilha de Itaparica
Oficina sobre Direito à Informação e à Comunicação	Disseminar o conceito de Direito à Comunicação no grupo. Analisar as violações desse direito na mídia de massa e discutir como criar narrativas positivas em prol da diversidade na mídia.	Novembro/ Dezembro de 2013	Espaço Cultural Alagados e Sede da CESEP
Intercâmbio entre participantes para encerramento das atividades 2013	Promover um momento de troca com comunidades da Ilha de Maré, mas também um espaço convivência e entrosamento entre jovens, coordenação do projeto e formadores/as.	Dezembro 2013	Ilha de Maré
Oficina sobre Direitos Humanos e Direitos da População Jovem	Comunicar conteúdos práticos e teóricos referentes aos Direitos Humanos e aos Direitos da População Jovem. Refletir com o grupo a realidade atual da população jovem e dos direitos garantidos pelas políticas sociais. Compreender as diversas formas de participação na construção de políticas públicas para a juventude e garantir os direitos adquiridos em lei.	Março/abril de 2014	Escritório compartilhado das Nações Unidas em Salvador, Elevador Lacerda

Oficina sobre Sexualidades, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos	Disseminar informações sobre direitos sexuais e direitos reprodutivos e sexualidades, pensando em possibilitar uma vivência saudável da sexualidade, bem como a multiplicação das informações obtidas pelos/as jovens durante a formação em seus grupos de origem e suas comunidades.	Abril/maio de 2014	Sede do MCPS, no bairro de São Bartolomeu
Oficina sobre Relações de Gênero e enfrentamento à violência contra a mulher	Disseminar informações e conceitos sobre papéis, violência institucional, controle do corpo, violação de direitos, violências, assédio, divisão sexual do trabalho, feminismo e machismo.	Maio de 2014	Espaço Cultural Alagados, na Península de Itapagipe
1a Roda de Diálogo	Compartilhar informações sobre os temas abordados no projeto OJÚ OMO com as comunidades nas quais as redes estão inseridas e fortalecer o protagonismo das jovens lideranças, bem como promover a interação entre as redes.	Agosto de 2014	Espaço Cultural Alagados, na Península de Itapagipe
Oficina sobre Álcool e outras Drogas	Promover a sensibilização e o aprimoramento dos/as jovens acerca das questões relativas à prevenção e à atenção ao uso abusivo de álcool e outras drogas na juventude, sob a ótica da redução de danos.	Agosto de 2014	Sede do MCPS, no bairro de São Bartolomeu
Oficina sobre Prevenção DST/AIDS	Propiciar o compartilhamento de informações sobre infecção, prevenção, diagnóstico e tratamento em HIV, DST e AIDS. Promover a reflexão sobre estigma e vulnerabilidades no contexto da epidemia por HIV/AIDS e outras DST. Contribuir para a reflexão sobre o desenvolvimento de práticas de prevenção às DST/AIDS para si e entre seus pares.	Outubro de 2014	Espaço Cultural Alagados, na Península de Itapagipe

2a Roda de Diálogo	Compartilhar informações dos temas abordados no projeto OJÚ OMO com as comunidades nas quais as redes estão inseridas e fortalecer o protagonismo das jovens lideranças, bem como promover a interação entre as redes.	Setembro de 2014	Centro Cultural Plataforma, localizado no Subúrbio Ferroviário
Oficina sobre Promoção à Saúde e à Saúde Sexual e Reprodutiva	Disponibilizar informações sobre a saúde sexual e reprodutiva, na perspectiva da promoção da saúde para adolescentes e jovens, com a perspectiva de raça, gênero e orientação afetivo-sexual, oferecendo informações acerca do funcionamento dos órgãos sexuais e reprodutivos.	Setembro de 2014	Escola Comunitária Luiza Mahin
Oficina sobre Mediação de Conflitos	Comunicar conteúdos teóricos e práticos referentes à mediação de conflitos. Refletir com o grupo a realidade atual da violência e da conflitualidade. Compreender as diversas maneiras de lidar com os conflitos, identificando a mediação como uma forma não violenta, democrática, emancipatória e participativa de lidar com os conflitos no cotidiano.	Outubro de 2014	Espaço Cultural Alagados, na Península de Itapagipe
Oficina de Encerramento do Projeto	Fazer um balanço dos principais resultados do projeto a partir da contribuição e da reflexão entre os/as próprios/as jovens.	Novembro de 2014	Hotel Mercure, Rio Vermelho

ESTRATÉGIA PRIVILEGIOU A TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENTRE JOVENS, FORMADORES/AS E A COMUNIDADE

Mobilização, participação e engajamento foram os primeiros desafios do projeto

A metodologia adotada para alcançar os objetivos do projeto privilegiou o diálogo e a troca de experiências entre jovens, os/as formadores/as e a comunidade local. Para cada encontro, um novo local foi buscado, de modo a levar as ações do projeto para equipamentos públicos comunitários nos territórios de abrangência do projeto. Isso,

por si só, os/as fortalecia e, ao mesmo tempo, servia como uma ação provocativa para a comunidade. Já não eram mais 35 jovens, eram 100, 120 pessoas adultas, jovens e crianças que, a cada encontro, estavam sendo influenciadas/os por aquela nova onda.

Embora a nova onda fosse cativante, organizar a logística para que as atividades programadas pudessem acontecer a cada quinze dias, em diferentes locais da cidade (o território abrangido pelo projeto era bem amplo) exigiu da equipe de coordenação um investimento extra de mobilização dos/as próprios/as jovens que, por serem lideranças, estavam sempre envolvidos/as em ações de ativismo ; diálogo com as comunidades e as demais lideranças comunitárias, incluindo as coordenações das redes e instituições parceiras dos projeto, além das famílias dos/as jovens.

Para vencer esses desafios de mobilização e coordenação, foram adotadas várias estratégias de comunicação, como e-mail, telefone e redes sociais, como o Facebook e o Whatsapp. Isso foi fundamental para o alcance dos resultados. A pessoa responsável pela logística e os/as coordenadores/as do projeto, os/as jovens líderes, se comunicavam cotidianamente e, assim, iam garantindo o engajamento e a participação mais ativa nas atividades. Não foram poucas as ocasiões em que as/os jovens negociaram agendas com as entidades locais para que as ações não conflitassem com aquelas programadas no âmbito do projeto OJÚ OMO. Dessa forma, aquele grupo de jovens de diferentes redes e instituições foi construindo o seu sentido de unidade na diversidade.

Página do grupo em mídia social, utilizado para compartilhar informações

OFICINAS PERSEGUEM OBJETIVOS DO PROJETO

Jovens organizam rodas de diálogo nas comunidades

No final de 2013 e durante todo o ano de 2014, os/as jovens foram convidados/as a participar de oficinas que incluíram assuntos como direitos humanos, direito à informação, sexualidade, álcool e drogas, promoção à saúde e mediação de conflito.

Foram mais de cem horas de atividades durante as quais puderam adquirir novos conhecimentos, aprofundar conteúdos já conhecidos e, sobretudo, trocar experiências.

Manter a atenção dos/as jovens, mesmo que por poucas horas, não é tarefa simples. Cientes disso, os/as facilitadores/as do projeto optaram por programar oficinas dinâmicas, nas quais, por vezes, os/as jovens eram os/as primeiros/as a expor seus conhecimentos sobre o tema a ser abordado. Essa também foi uma das estratégias adotadas para promover o protagonismo juvenil e para que os/as jovens se sentissem cada vez mais parte do projeto e condutores/as de suas próprias histórias.

As oficinas foram, portanto, delineadas e executadas de modo a garantir não só a discussão de temas específicos, como também a adoção de uma perspectiva de gênero e raça. Na concepção do projeto, a construção das habilidades para a vida daquelas/es jovens passava

Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto OJÚ OMO nos anos de 2013 e 2014

também pela desconstrução de valores que reiteravam e naturalizavam as desigualdades de gênero e de raça e influenciavam as trajetórias individuais e familiares.

Individual ou coletivamente, os/as jovens foram se apropriando dos conteúdos e não faltam histórias de replicação, seja no ambiente familiar, entre amigos/as ou demais membros da comunidade.

Em 2014, as/os jovens organizaram atividades para sensibilizar e mobilizar a comunidade a partir da replicação e da disseminação dos conteúdos aprendidos durante as oficinas. Esses encontros foram denominados “Rodas de Diálogo”. A primeira delas aconteceu no mês de agosto, no Espaço Cultual Alagados, na Península de Itapagipe.

A realização desses encontros organizados pelos/as próprios/as jovens alinha-se diretamente com os objetivos de contribuir para a constituição ou o fortalecimento de redes de articulação da juventude; estimular agrupamentos e redes juvenis; e contribuir para que jovens possam atuar em atividades de educação entre pares.

DESAFIOS E PROBLEMAS, QUANDO IDENTIFICADOS E ENFRENTADOS, PODEM SE TORNAR LIÇÕES APRENDIDAS

As transformações decorrentes da ação do projeto são visíveis

A realização do OJÚ OMO trouxe muitos aprendizados, especialmente para aqueles/as que estiveram envolvidos/as diretamente na execução das ações e no contato com os/as jovens. Foram ao todo quase dois anos de trabalho, desde a concepção até a atividade de encerramento, realizada na última semana de novembro de 2014.

Certamente o mais difícil em projetos dinâmicos é parar, observar, avaliar atitudes e buscar soluções para os problemas, ainda que pareçam pequenos. O despertar para esse processo, muitas vezes, começa em um exercício de se colocar no lugar do/a outro/a e de identificar aprendizados. E o projeto investiu muito nesses momentos de parada, análise e ajuste de rota. Após cada oficina, as/os jovens davam sugestões para melhoria das atividades. A coordenação técnica sob a responsabilidade do UNFPA tinha encontro com as duplas de formadores/as antes do início do módulo para compartilhar aquilo que havia acontecido no anterior e indicar pontos que poderiam ser explorados, aprofundados; as/os formadores/as também conversavam entre si para trocar impressões e recomendações.

Durante a atividade de encerramento do OJÚ OMO, realizada no final do mês de novembro, Rosana Fernandes, Assessora de Projetos e Formação na CESE; Fernanda Lopes, Representante Auxiliar do UNFPA; e alguns/mas dos/as jovens destacaram aprendizados adquiridos durante o projeto.

"O UNFPA entrou com uma metodologia que, às vezes, identificávamos como muito sofisticada e detalhista, mas que trouxe alguns indicadores de caminhos para o nosso trabalho. Isso, agregado à experiência da CESE no trato com os grupos, beneficiou a parceria", disse Rosana Fernandes.

Para Rosana Fernandes, muito se absorveu com o UNFPA em relação a saúde reprodutiva e direitos, tema pouco conhecido pela instituição e uma demanda da juventude da comunidade há tempos expressada. Ela também destacou o cuidado com o que os temas (direitos sexuais e reprodutivos e saúde sexual e reprodutiva) foram tratados, de modo progressista e respeitando as diferentes crenças presentes nas comunidades por onde o projeto passou.

"O UNFPA entrou com uma metodologia que, às vezes, identificávamos como muito sofisticada e detalhista, mas que trouxe alguns indicadores de caminhos para o nosso trabalho. Isso, agregado à experiência da CESE no trato com os grupos, beneficiou a parceria, porque os/as jovens, apesar de líderes em suas comunidades, não estão soltos/as. Eles/as estão inseridos em um contexto, em instituições que a CESE conhece, que se relaciona e empresta toda sua experiência, por ser uma instituição ecumênica, inclusive para abordar temas como aqueles relacionados à saúde reprodutiva e direitos", finalizou Rosana Fernandes.

"Temos certeza que os territórios onde vocês atuam já não serão os mesmos, porque vocês já não são as mesmas pessoas", declarou Fernanda Lopes.

Fernanda Lopes, em uma fala direcionada aos/às jovens, destacou que os processos construídos em rede fazem toda a diferença em iniciativas como essa, sobretudo quando as transformações são observadas por todo o grupo envolvido e por suas instituições. "Este espaço de construção coletiva, de educação entre pares, é a base para uma transformação duradoura".

Acrescentou ainda que o UNFPA, ao lançar em novembro de 2014 um relatório global sobre a situação da população, cujo tema foi juventude, declarou que existem 1,8 bilhão de oportunidades no planeta (número de jovens no mundo) e fez uma relação entre esse dado e os/as jovens da periferia de Salvador que participaram do OJÚ OMO.

"Nós temos a certeza de que vocês estão trabalhando muito para que essas oportunidades sejam utilizadas e exercidas da melhor forma possível. Agradecemos por terem acreditado neste projeto, por crer que esses conteúdos podem ser replicados de uma forma ainda melhor. Vocês são criativos e podem agregar muitos elementos para compartilhar o conhecimentos e a experiências do projeto. Temos certeza que os territórios onde vocês atuam já não serão os mesmos, porque vocês já não são as mesmas pessoas. Todos os dias ocorrem mudanças e é muito bom acompanhar esse processo com vocês", destacou Fernanda Lopes.

"O projeto veio como uma luva e nos deu uma visão muito mais política sobre o nossos direitos e deveres", disse o jovem Carlos Luz.

Na visão do jovem Carlos Luz, a proposta do projeto era totalmente voltada para a juventude negra e para jovens que são, de alguma maneira, protagonistas em suas instituições. Nesse contexto, destacou, como maior aprendizado, "o fortalecimento em nível tanto pessoal quanto institucional. Ele [o projeto] veio como uma luva e nos deu uma visão muito mais política sobre o nossos direitos e deveres".

OJÚ OMO

“Meu cabelo não é ruim, nem duro. Meu cabelo é crespo”, disse a jovem Tatiane Anjos.

Para Tatiane Anjos, as transformações foram literalmente visíveis. Depois de participar da oficina de Mediação de Conflitos, ela cortou o cabelo. Segundo seu relato durante a oficina, participou de uma encenação em que o grupo iniciava uma discussão por conta do jeito de vestir e do cabelo de uma pessoa. Somado a isso, ela relatou experiências cotidianas de discriminação em relação ao seu cabelo. Como uma forma de afirmação e repulsa aos atos discriminatórios, ela resolveu cortar o cabelo. Entretanto, o corte ressaltou de propósito seus cabelos naturalmente crespos. “Meu cabelo não é ruim, nem duro. Meu cabelo é crespo”, afirmou Tatiane.

A experiência relatada por Tatiane Anjos é apenas uma entre tantas transformações perceptíveis nos/as jovens. Eles/as mesmos/as relataram essas mudanças durante a oficina de encerramento e não faltaram exemplos de como passaram a repensar conceitos e posturas, especialmente aquelas ligadas aos estereótipos de gênero e raça. Também não faltaram manifestações em apoio à continuidade do projeto.

Lições aprendidas e boas práticas

Desafio	Ação adotada	Resultado alcançado
Identificação e convite aos/às jovens	(1) Responsabilização da CESE e das redes e instituições locais para a identificação dos/as jovens.	(1) Jovens identificados/as e convidados/as a participar do projeto.
Conhecimento acerca da realidade local e conhecimento prévio dos/as jovens sobre os temas a serem tratados no projeto	(1) Realização de diagnóstico da realidade local; (2) Realização de grupos focais.	(1) Maior entendimento por parte das instituições envolvidas sobre o território do projeto e os principais problemas enfrentados pelos/as moradores/as da região; (2) Maior entendimento sobre as pessoas que vivem nesses territórios, como enxergam suas próprias vidas e que conhecimentos prévios têm acerca dos temas do projeto.

Mobilização dos/as jovens	(1) Apoio dos/as jovens-adultos/as do projeto na articulação e na negociação direta com os/as jovens e com as redes e instituições que eles/as participam e/ou representam em suas comunidades; (2) Mobilização e logística; (3) Contratação de uma líder comunitária para mobilizar e dar apoio logístico; (4) Diálogo contínuo entre a pessoa responsável pelo apoio e logística, o UNFPA, a CESE e as redes e instituições que os/as jovens participam em seus respectivos territórios; (5) Corresponsabilização das Articulações, Redes, Grupos pelos/as jovens que indicaram para participar do Projeto OJÚ OMO e para envolver mais as lideranças das referidas Articulações, Redes, Grupos no processo de desenvolvimento do projeto.	(1) Garantia de realização das atividades do OJÚ OMO em dias não conflitantes com as atividades das redes e instituições no território; (2) Maior envolvimento e engajamento dos/as jovens; (3) Maior participação; (4) Comentários e discussões sobre o projeto e outros temas avaliados como fundamentais pelas/os jovens via Whatsapp e Facebook.
Pactuação de agendas	(1) Definição com os/as jovens sobre o melhor dia e horário para as atividades do OJÚ OMO.	(1) Calendário anual pactuado com os/as jovens.
Transporte até o local de atividade	(1) Garantia de transporte para viabilizar o deslocamento das e dos/as jovens de seus bairros para o local da realização das atividades formativas; (2) Substituição de ônibus por vans para o deslocamento do grupo nas comunidades.	(1) Redução das ausências em função de dificuldades financeiras ou inexistência de transporte público; (2) Deslocamento mais rápido, mesmo que em locais de difícil acesso.

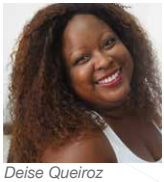
Harmonização de conteúdos, metodologias e abordagens e inclusão das questões de gênero e raça como conteúdos transversais	(1) Realização de oficina de harmonização de conteúdos, metodologias e abordagens com os/as formadores/as contratados/as pelo projeto e com participação de gestoras de políticas públicas.	(1) Conhecimento prévio por parte dos/as formadores/as sobre o projeto, a realidade local e os objetivos e resultados a serem alcançados; (2) Transversalização das questões de gênero e raça em todas as oficinas/conteúdos; (3) Feedback contínuo por parte da coordenação técnica do projeto junto à equipe de formadores/as.
Identificar as potencialidades de cada parceiro	(1) Reuniões periódicas entre o UNFPA e a CESE; (2) Conversas cotidianas entre a CESE e as redes e instituições parceiras; (3) Diálogo contínuo entre os/as jovens-adultos/as e os/as demais jovens.	(1) Rotatividade de local para as atividades de modo a contemplar todas as comunidades envolvidas; (2) Mobilização mais efetiva; (3) Troca de experiências, métodos e abordagens entre o UNFPA e a CESE; (4) A líder comunitária contratada para o apoio logístico do projeto, que historicamente trabalha com mulheres adultas em situação de violência, também iniciou uma mobilização das/os jovens de sua comunidade inspirada pelos resultados do Oju Omo.
Apropriação dos conteúdos por parte dos/as jovens	(1) Realização de atividades/oficinas cada vez mais lúdicas, participativas, inclusivas e democráticas.	(1) Maior apropriação dos conteúdos por parte dos/as jovens.
Envolvimento da comunidade e corresponsabilização dos/as jovens no repasse de informação para a comunidade	(1) Promoção de rodas de conversa para socializar informações e experiências com as comunidades; (2) Replicação de metodologias e dinâmicas em atividades lideradas pelos/as jovens do projeto dirigidas a um público mais novo.	(1) Realização de duas rodas de conversas organizadas por jovens; (2) Adequação de dinâmicas e metodologias para facilitar atividades formativas lideradas pelos/as jovens.

Instituições e jovens aprendem com o projeto.

O UNFPA aprendeu mais sobre o Subúrbio, Itapagipe, Ilha de Maré e Quilombo Rio dos Macacos com os/as jovens dessas comunidades e com o diálogo com a sociedade civil organizada. A CESE aprendeu mais acerca dos métodos de trabalho, cultura de monitoramento e sobre os temas população e desenvolvimento, saúde sexual e reprodutiva e direitos. Os/as jovens aprenderam mais sobre seus direitos e potencialidades, os números que descrevem a realidade de suas comunidades, sobre a CESE e o UNFPA, fortaleceram-se e agora replicam e disseminam mais informações entre pares.

Ruth Pucheta

"No início foi mais difícil a comunicação, porque às vezes a gente não sabe como se dão as relações entre as organizações e a juventude. No começo, tivemos que nos dirigir à coordenação das instituições e redes. Por vezes, não conseguíamos que informações pudessem ser repassadas e acordadas diretamente com as/os jovens. Isso foi um grande aprendizado para nós, sobre como promover um equilíbrio entre aquilo que a gente entende que deve orientar o trabalho com a juventude e o contexto no qual eles/as estão inseridos", comentou Ruth Pucheta, oficial de Programa do UNFPA que atua em Salvador.



Deise Queiroz

"Alguns aspectos foram sendo aprimorados no decorrer do projeto. Os/as formadores/as construíram planos de trabalho para atender aquele grupo identificado no diagnóstico e descrito no relatório dos grupos focais. Mas, com o passar do tempo, com o processo formativo acontecendo e o amadurecimento dos/as jovens em relação aos temas, os planos de trabalho também foram sendo aprimorados. Nas últimas oficinas, por exemplo, tivemos o cuidado de fazer um acompanhamento mais próximo com os/as formadores/as, no sentido de apresentar quem eram esses/as jovens neste momento, como eles/as respondiam melhor a alguns estímulos e algumas técnicas", resumiu Deise Queiroz, consultora do UNFPA que acompanhou todo processo de implementação do projeto OJÚ OMO em Salvador.

Midiã Santana

"Uma jovem criou um grupo no Whatsapp (rede social para troca de mensagem individuais ou coletivas via celular) que serve como um ótimo instrumento de comunicação entre eles/as. Como foi criado a partir de uma iniciativa da jovem, os/as presentes se sentem a vontade para falar sobre tudo do projeto e outros temas que julgam importantes. Discutem, cobram participação e compromisso, às vezes até esquecem que nós, da coordenação, também estamos no diálogo, somos parte do grupo. Como exemplo, na construção das rodas de diálogo, eles/as usavam o aplicativo para confirmar presença nas reuniões preparatórias. As rodas foram feitas por eles/as. Nós sempre nos preocupamos em não interferir nos diálogos, considerando que é um grupo deles/as, em que fomos convidados a participar", contou Midiã Santana, Assistente de Mídia do UNFPA em Salvador.

Os/as jovens, por sua vez, destacaram, sobretudo, os aprendizados relacionados às temáticas abordadas durante o projeto e acerca da importância de disseminar os conhecimentos adquiridos com outros membros das comunidades onde estão inseridos/as.

Sandra Cerqueira

"No projeto Juventude Cidadã, eu era uma das jovens beneficiadas. Hoje, com a experiência que adquiri, eu acompanho outros/as jovens, monitoro para não faltar, dou feedback depois das oficinas e planejamos juntos como aplicar os conteúdos nas comunidades. Um dos maiores aprendizados nesse processo se deu a partir da escuta. Antes eu interagia mais, hoje, eu escuto mais e posso observar o todo", relatou a jovem-adulta Sandra Cerqueira, 30 anos, moradora do Bairro de Plataforma, próximo ao Parque São Bartolomeu.

Natan Jesus da Silva

"No primeiro momento, quando falaram dos temas, isso me estimulou a querer participar até o final. Os temas são muito interessantes. Eu trabalho com teatro e o nosso teatro fala da realidade, e os temas do projeto são aqueles que eu preciso trabalhar. Então, foi uma forma de eu me qualificar, para depois eu vir para a minha comunidade, formar meu grupo de teatro e trazer essas informações", afirmou o jovem Natan Jesus da Silva, 19 anos, morador de São Tomé de Paripe.

Franciele dos Santos Silva

"Minha mãe foi quem falou do projeto. Primeiro era para minha irmã vir, mas ela não quis. Então, eu vim. Depois eu convidei meus primos e minha irmã também. Eu vim porque fiquei na curiosidade sobre o assunto, porque ela [a mãe] falava que iria ter oficinas sobre o que acontece na juventude. O que o projeto trouxe de mais importante para mim foi o conhecimento. Quando tem alguma situação que eu posso interagir, eu digo que participei de uma oficina e vou conversando e explicando sobre o assunto lá na comunidade", afirmou a jovem Franciele dos Santos Silva, 15 anos, do Quilombo Rio dos Macacos.

Daniel Araújo

"Se eu fosse coordenador deste projeto, eu fazia um 'aulão' em uma escola. Ia ser bem diferente porque seria uma aula bem dinâmica e faria com que qualquer jovem interagisse com os módulos. Porque na escola, ao falar de DST, muita gente corre, não gosta. Mas, como somos pessoas que já sabemos da história da comunidade e a realidade da escola, eles iam pedir bis", disse o jovem Daniel Araújo, 24 anos, morador da Suburbana.

PRIMEIROS RESULTADOS JÁ PODEM SER VISLUMBRADOS

Registros, relatos e ações de replicação são indicadores de sucesso

Registros dos processos e as ações de replicação indicam o impacto do projeto para as instituições e também na vida dos/as jovens. É nítido, conforme os relatos de boas práticas e lições aprendidas, que as instituições e as pessoas mudaram com a passagem do projeto.

Um dos maiores ganhos, segundo relato dos/as próprios/as jovens e da equipe de coordenação do projeto, foram as Rodas de Diálogo, organizadas pelos/as jovens na Península de Itapagipe e no Subúrbio Ferroviário. Naqueles dois momentos, foi alcançado o objetivo maior do projeto, o de reforçar o protagonismo juvenil de setores populares com vistas à integração, à participação e à inclusão da juventude.

Se elas/es já eram lideranças em suas comunidades e se já estavam envolvidas/os na dinâmica de mobilização de seus bairros, agora também já são reconhecidas/os como agentes de promoção e defesa de direitos. Ainda durante a atividade de encerramento, muitos/as jovens relataram que agora discutem mais com a família e amigos/as sobre os temas abordados no projeto e que, por vezes, fazem uso das técnicas e métodos aprendidos durante as oficinas, especialmente na de medição de conflitos, uso de álcool e outras drogas e promoção à saúde.

Os resultados alcançados dialogam diretamente com os compromissos de cooperação assumidos pelo UNFPA no Brasil, especialmente no que diz respeito à ampliação do repertório de direitos das/os jovens e à construção de habilidades para que seu pleno potencial seja desenvolvido, bem como ao fortalecimento das capacidades das instituições nacionais e locais em assegurar a incorporação dos direitos e necessidades da juventude nas políticas públicas.

3

GLOSSÁRIO

Para saber mais sobre o projeto OJÚ OMO, acesse a página do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) na internet www.unfpa.org.br

Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento (CIPD)
Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento realizada no Cairo, Egito, de 5 a 13 de setembro de 1994, com o objetivo de construir e pactuar um programa de ação sobre população e desenvolvimento para os próximos vinte anos. O Programa de Ação estabelecido no Cairo em 1994, e reafirmado vinte anos depois, visa à melhoria da qualidade de vida da população do planeta e destaca que é necessário garantir o acesso aos serviços e às ações de saúde reprodutiva e à educação primária de qualidade para todas e todos; eliminar a desigualdade de gênero; reduzir a mortalidade materna e a mortalidade de crianças menores de um ano; aumentar a expectativa de vida e garantir que as e os jovens tenham oportunidades para desenvolver o seu pleno potencial.

Direitos Humanos
São direitos fundamentais de todos os seres humanos. Esses direitos foram reunidos em um documento denominado Declaração Universal dos Direitos Humanos, aprovado em 1948, na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Esse conjunto de direitos garante que todas as pessoas possam viver livres de discriminação, seja por raça/cor, sexo, língua, nacionalidade, religião ou qualquer outra condição. O Artigo II da Declaração determina: "Toda pessoa tem capacidade para gozar os direitos e as liberdades estabelecidos nesta Declaração, sem distinção de qualquer espécie, seja de raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política ou de outra natureza, origem nacional ou social, riqueza, nascimento, ou qualquer outra condição". Todos os direitos humanos são universais, indivisíveis interdependentes e inter-relacionados.[8]

Direitos Reprodutivos
São constituídos por princípios e normas de direitos humanos que garantem o exercício individual, livre e responsável da sexualidade e da reprodução humana. É, portanto, o direito subjetivo de toda pessoa decidir sobre o número de filhos e os intervalos entre seus nascimentos, e ter acesso aos meios necessários para o exercício livre de sua autonomia reprodutiva, sem sofrer discriminação, coerção, violência ou restrição de qualquer natureza[9].

Discriminação
Vem do latim discriminatio, que significa separação. O ato de discriminar tem por objetivo separar, colocar alguém ou algum grupo de lado, à parte, que pode ser melhor entendido como um tratamento desigual com base em preconceitos de raça, cor, etnia, religião, sexo, orientação sexual, classe social, entre outros. O inciso IV do artigo primeiro da Constituição Brasileira determina que a República Federativa do Brasil tem como fundamentos "promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação"[10].

Estatuto da Juventude
Estatuto da Juventude é o instrumento legal (Lei n. 12.852/2013), que dispõe sobre os direitos de jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude.

8 ONU. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em: agosto de 2012.
9 VENTURA, Miriam. Direitos Reprodutivos no Brasil. 3.ed. Brasília: UNFPA, 2009. Disponível em http://www.unfpa.org.br/Arquivos/direitos_reprodutivos3.pdf. Acesso em: agosto de 2012.
10 BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituiçao.htm. Acesso em: agosto de 2012.

Gênero
É a ideia ou a interpretação das sociedades, grupos, comunidades e pessoas sobre o que é ser homem ou mulher para além da definição biológica – caracterizada pelo sexo feminino ou masculino. Gênero é uma construção social baseada na cultura, no comportamento e também nas dimensões política e econômica da vida. Pelo fato de as desigualdades sociais entre homens e mulheres (no trabalho, na definição de papeis e em outros aspectos da vida em sociedade) serem pautadas e estruturadas a partir dessa construção social, elas são conhecidas como desigualdades de gênero[11].

Juventude
Para os efeitos da Lei n. 12.852, de 5 de Agosto de 2013, são consideradas jovens no Brasil pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade.

Racismo
É um mecanismo social de exclusão e/ou inclusão desvalorizada que submete a todos e todas, embora de modos diferentes. Opera pela atribuição de sentidos pejorativos e características peculiares e negativas a determinados padrões da diversidade humana e significados sociais negativos aos grupos que os detêm. Os significados sociais negativos atribuídos a estas características são utilizados para justificar o tratamento desigual oferecido àqueles que as detêm[12].

11 QUINTILIANO, Rachel. Desafios da interseccionalidade das agendas de Cairo (1994) e Durban (2001) no Brasil. Curitiba: Rede de Mulheres Negra do Paraná, 2012.
12 CASHMORE, Ellis. Dicionários de Relações Étnico-Raciais. São Paulo: Selo Negro Edições, 2000, p. 456.

Fundo de População
das Nações Unidas

www.unfpa.org.br
facebook.com/unfpabrasil
twitter.com/unfpabrasil
youtube.com/unfpabrasil

UNFPA

Fundo de População
das Nações Unidas

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-98579-17-7
9 788598 579177